

JOÃO DO RIO, CAIO F. E O CARNAVAL

Moisés Henrique de Mendonça Nunes¹

INTRODUÇÃO

A pergunta de Denilson Lopes: “o que um olhar crítico homoerótico acrescenta à cultura brasileira e como a representação da homossexualidade se torna ou não estrutural a sua literatura?” proporciona uma inquietação a partir do momento que não se encontra uma resposta, no qual se faz múltipla, quando se articula o texto literário homoerótico em relação às categorias estéticas, camp, estudos de gênero, elementos biográficos e estudos de espaços (LOPES, s. p.). Como também a luz da teoria queer, coming out, performance, estudos positivos, etc.

Em específico a Caio Fernando Abreu, escritor gaúcho que proporcionou em sua obra narrativas homoeróticas, se encontram diferentes enredos pelo qual conduzem reflexões para algumas abordagens, como: do afeto contido ao olhar, em “Meio silêncio”; o reprimir e o armário presente no conto “Uma história confusa”; a homofobia tratada no conto “Terça-feira gorda”; o urbano abordado no romance *Onde andará Dulce Veiga?*; a presença da aids em “Depois de agosto”; e até mesmo na própria reflexão sobre o sujeito homossexual masculino pela narrativa “As quatro irmãs (uma antropologia fake)”.

Observa-se que a sexualidade, enquanto aspecto linguístico-literário, transita errante e atravessa sobre várias tónicas. Apropriando-se das palavras de Denilson Lopes de: “estabelecer um movimento de dois sentidos entre o passado e o presente, que eventualmente atualize obras do passado ou torne obras do presente menos isoladas”. O presente trabalho então encaminha-se para análise entre as escritas “O bebê de tarlatana rosa” e “Terça-feira gorda” de João do Rio e Caio Fernando Abreu, respectivamente, para se pensar como os dois textos literários homoeróticos proporcionam uma reflexão sobre o mesmo espaço que ocorrem as histórias, o carnaval.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Utilizamos de metodologia bibliográfica para construção do trabalho, no qual pesquisamos e reunimos material referente ao Caio Fernando Abreu e João do Rio, por meio da

¹ Doutorando e Mestre do Curso de Pós-graduação em Crítica Cultural da Universidade Estado da Bahia, Campus II – Alagoinhas/BA. E-mail: moises.h.mendonca@gmail.com.

base de dados da Plataforma Sucupira, principalmente trabalhos acadêmicos de conclusão de curso, tese ou dissertação.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

João Paulo Emílio Cristovão dos Santos Coelho Barreto era alguém apaixonado pelo Rio de Janeiro, por isso o pseudônimo João do Rio, e se aproxima da imagem do sujeito intenso e requintado: “Tinha um estilo mordaz, sarcástico, vestia-se com espalhafato e foi o primeiro membro da Academia Brasileira de Letras a assumir abertamente a homossexualidade, atraindo críticas severas dos intelectuais conservadores de seu tempo” (FERNANDES, 2014, p. 64).

Em distinção ao anterior, apareceu em meados do século XX Caio Fernando Abreu que se aproximava da cultura hippie. O escritor era um viajante errante do Brasil e em alguns países europeus, no qual suas cartas destacam não somente a condução criativa das narrativas, mas as observações que ele tinha sobre os locais que viveu, os sujeitos e as relações/dinâmicas sociais, principalmente afetiva. João do Rio publicou *Dentro da noite*, em 1910, livro que contém o conto “O bebê de tarlatana rosa”, ao passo que Caio Fernando Abreu publicou *Morangos mofados*, em 1982, no qual está presente “Terça-feira gorda”, e ambos os contos ocorrem no momento do carnaval. Pelas narrativas escolhidas, conforme a datação de publicação dos livros que foram retiradas, há a diferença de setenta anos, uma escolha proposital, por conta dos escritores possuírem narrativas urbanas que enquadram ao momento simbolizado pela “festa da carne” no qual remonta uma festa pagã sobre preceitos cristãos.

Deste modo que através das colocações de Denilson Lopes e Flávio Pereira Camargo (2010) que se reflete sobre a escrita dos espaços num viés homoerótico, de como a cidade, casa, rua e praça, na construção de um senso sobre o público e privado é tensionado, com o ser e o desejo confrontados à – heterossexual e cristã – liberdade. As narrativas promovem reflexões sobre a heteronormatividade e a homofobia, ao mesmo tempo que apresenta fugas, outros modos de ser e existir, personagens que vão de contramão ao delimitado corpo de reprodução para engendrar outros sentidos e afetos.

Observa-se através do modo que se narra as histórias. Em “O bêbe de tarlatana rosa” se encontra como Heitor de Alencar conta para seus colegas sua experiência no carnaval, a narrativa possui algo de teatral e de uma certa cadência dramática, de teor sexual que se estrutura no texto a partir do momento que o grupo, com o ator a se dirigir a um público e a lascividade. Diferente dessa narrativa, “Terça-feira gorda” possui personagens que aparecem de forma fluída e errante. São transeuntes, viajantes que não tem nome nem parada, pelo qual

conhecido e desconhecido se faz tênue e o conto foca para o encontro de dois homens: “Eu tinha andado por muitos lugares. Ele tinha um jeito de quem também tinha andado por muitos lugares. Num desses lugares, quem sabe. Aqui, ali” (ABREU, 2018, p. 344).

Além do mais, se algo dramático e com espectadores está para a narrativa de João do Rio, o poético apresenta-se pelo escrito de Caio Fernando Abreu, algo ligado à própria narração dada pela personagem, de forma subjetiva e afetiva. Pelos narradores que se observa o trânsito que envolve o carnaval e o homoerótico. O evento contextualiza e simboliza uma festa pagã, da carne, do “mundo ao contrário”, como bem colocou Flávio Camargo (2010), no qual permite não se referir necessariamente para uma libertinagem, mas liberdade, alegria e eroticidade. Amplia-se essa visão para pensar como o carnaval esta para um espaço e tempo de rasurar a norma, deixa-se de lado a máquina humana e a geografia das cidades configurada sobre um sistema capitalista, hetero, cristão e machista para ocupar e se reinventar enquanto diferentes modos de ir e vir.

No carnaval, a cidade não é mais uma indústria, ou seja, fixada sob o trabalho econômico, do mesmo modo que o tempo se desfaz, sendo estabelecido pela alegria de ser e estar. Embora tenha um sentido superficial, o livre desejo em ser e viver é na aparência e delimitado às normas (hetero)sexuais. Por isso, as narrativas de Caio Fernando Abreu e João do Rio ponderam sobre o carnaval ser uma festa de liberdade, mas as implicações heteronormativas reincidem a partir do momento que outras experiências e sexualidades se apresentam, onde existe uma vigilância dos costumes.

Em “Terça-feira gorda” explicita-se pelas personagens que assumem o papel de manter a norma (hetero)sexual. A partir do momento que os protagonistas saem do jogo do olhar e se permitem ao encontro, o dizer do interesse e o toque, eles são violentados verbalmente até o desfecho do conto que ocorre a violência física aos dois homens: “Foge, gritei, estendendo o braço. Minha mão agarrou um espaço vazio. O pontapé nas costas fez com que me levantasse. Ele ficou no chão. Estavam todos em volta. Ai-ai, gritavam, olha as loucas” (ABREU, 2018, p. 346).

Já no caso de “O bebê de tarlatana rosa” nota-se para algo implícito ou cifrado, em que o personagem bebê seria, de certo modo, uma metáfora sobre o reprimir dos desejos e a própria visão que foi colocada a homossexualidade, enquanto monstruoso. Heitor de Alencar e o personagem bebê passam do olhar para o toque, mas a partir do momento que se tira a máscara do personagem, a cólera e pavor de Heitor com a face sem nariz, “uma caveira com carne”, estaria para o medo do desejo correspondido em não ser uma face feminina.

A condução das narrativas a partir do gênero é algo a se observar. No conto de João do Rio há uma imprecisão no gênero do bêbe de tarlatana rosa, no qual a própria incitação pelos personagens que ouvem a história indagam que o personagem bebê não seja uma mulher, algo pelo qual excita o Heitor de Alencar, já que em nenhum momento ele se opõe às falas dos amigos que tendem a curiosidade. Diferente do narrador-personagem de Caio Fernando Abreu que reafirma serem dois homens “eram bonitos nossos corpos nus de homens estendidos um ao lado do outro, iluminados” (ABREU, 2018, p. 346).

Além do mais, a presença do gênero em “Terça-feira gorda” retoma um flanar pela masculinidade que se constroem de outros modos, vide o caso do narrador caracterizar o outro personagem aproximado as imagens de orixás, ou a reprodução da norma como ocorre com os personagens que agridem-os. Em o “Bebê de tarlatana rosa” pensar sobre o gênero está para máscara, porque se encontra pelos personagens uma imagem ampliada sob a tentativa de não serem reconhecidas posteriormente por conta do acessório (CAMARGO, 2010, p. 124). Retorna-se a ideia do carnaval enquanto espaço e tempo de “tudo é possível”, utilizando das palavras de João do Rio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O bebê de tarlatana rosa” está para provocar a curiosidade do leitor e leitora, uma excitação sobre quem é o personagem bebê, além do medo de Heitor ao se deparar com a “verdade”, “Terça-feira gorda” recontextualiza o carnaval para uma festa dos encontros (homo)afetivos como algo desejável e bonito. Destacamos então que as narrativas tratam das amarras sociais ao tempo de rasurar a norma, pelo qual João do Rio abordou pelo narrador-personagem, o Heitor de Alencar, que interdita o próprio desejo, enquanto Caio Fernando Abreu trouxe personagens a experimentarem o afeto, resistem, mesmo com a repressão feira em violência verbal e física.

Palavras Chaves: Caio Fernando Abreu, Conto, João do Rio, Sexualidade.

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando Abreu. **Contos completos**. São Paulo: Companhia das letras, 2018.

CAMARGO, Flávio Pereira. **Revendo as margens:** a (auto) representação de personagens homossexuais em contos de Caio Fernando Abreu. Tese (Doutorado). Universidade de Brasília (UNB), Instituto de Letras - Programa de Pós-graduação em Literatura, 2010.

DIP, Paula. **Para sempre teu, Caio F.** 4^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque. **Configurações do desejo homoerótico na contística brasileira do século XX.** Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade. 2012.

LOPES, Denílson. **Uma Estória Brasileira.** Disponível em:
https://www.academia.edu/4932736/Uma_Est%C3%B3ria_Brasileira>; Acesso: 10/06/2025.

RIO, João do. **Dentro da noite.** Rio de Janeiro: H. Garnier, 1910.